

MEMÓRIAS DE UM MUNDO ALÉM DO ABISMO

MEMORIES OF A WORLD BEYOND THE ABYSS

Bárbara Neri Araújo Maia¹

¹ Bárbara Neri Araújo Maia. Mestranda em teatro pela universidade Aix-Marseille, graduada em Teatro com especialização em "Gênero e Diversidade na Educação" pela UFMG. Artista-criadora brasileira de classe popular, utiliza o teatro para refletir poeticamente sobre questões identitárias. barbaranamaia@gmail.com - <https://orcid.org/0009-0006-9655-6880>

RESUMO

A dramaturgia *Memórias de um mundo além do abismo* é resultado do projeto de criação desenvolvido no Mestrado de Artes e Cenas Atuais (*Arts et scènes d'aujourd'hui*) da universidade AMU (*Aix-Marseille Université*) de Marselha e Aix-en-Provence, França, entre os anos de 2020 e 2022. O espetáculo foi apresentado em três ocasiões e seu texto premiado com o segundo lugar do *Prix Prémices* da universidade de Toulouse, sendo editado e lançado pela editora Domens, na série *Tangentes*. Os quadros que compõem a narrativa ilustram o sentimento de uma mulher periférica distante de sua terra natal. Ela se interroga sobre o seu lugar no mundo. Uma noite de insônia durante a pandemia de Covid-19 traz memórias e reflexões sobre experiências vividas no Brasil e na França; duas partidas de futebol distantes no tempo atordoam esta brasileira apartada de sua pátria, do seu time e da sua torcida do coração; o corpo disciplinado pela escola católica; um príncipe e as heranças de um reinado; o povo e as fraturas de um país nascido das violências coloniais; a alegria como forma de resistir. A sensação da existência de um abismo entre os dois mundos experienciados pela artista dá vida a esta obra. A colonialidade presente na construção dos corpos e imaginários rege – ainda – o mundo e as relações. Recuperar a memória de cotidianos e sutis atos de resistência é uma tentativa de vislumbrar a própria identidade. Compartilhar esse trabalho com o público é um ato político.

Palavras-chave

Dramaturgia contemporânea. Autoficção. Teatro decolonial.

ABSTRACT

The dramaturgy *Memories of a World Beyond the Abyss* is the result of the creation project developed in the Master of Current Arts and Scenes (*Arts et scènes d'aujourd'hui*) of the university AMU (*Aix-Marseille Université*) of Marseille and Aix-en-Provence, France, between the years 2020 and 2022. The play was presented on three occasions and its text awarded the second place of the *Prix Prémices* of the university of Toulouse, being edited and released by the publisher Domens, in the series *Tangentes*. The chapters that compose the narrative illustrate the feeling of a suburban woman far apart from her homeland. She wonders about her place in the world. A night of insomnia during the Covid-19 pandemic brings memories and reflections on experiences lived in Brazil and France; two distant football matches in time stun this Brazilian far away from her country, her soccer team and its football crowd fans; the body disciplined by the catholic school; a prince and the inheritances of a kingdom; the people and the fractures of a country born of colonial violence; joy as a way of resisting. The sensation of the existence of an abyss between the two worlds experienced by the artist gives life to this work. The coloniality present in the construction of bodies

and imaginaries governs - yet - the world and relations. Recovering the memory of everyday life and subtle acts of resistance is an attempt to glimpse the identity itself. Sharing this work with the public is a political act.

Keywords

Contemporary dramaturgy. Autofiction. Decolonial theater.

Prólogo

Barulho de chuva. Uma mesa e duas cadeiras pretas estão no fundo do palco. Uma garrafa de cachaça e dois copos estão em cima da mesa. Na sua frente, uma grande caixa preta fechada. No meio do palco uma segunda caixa preta, menor, fechada com um largo laço de cetim vermelho. Riscos de giz estão desenhados no chão formando as letras, ainda por terem seus traços ligados, da palavra memória. No fundo à direita estão um violino, um violão, uma flauta doce e um computador. À esquerda, um grande surdo vermelho. Entramos e nos sentamos. Jean segura um guarda-chuva vermelho e preto aberto. Seguramos juntos o guarda-chuva com os cotovelos apoiados na mesa. Olhamos fixamente para o público. Trovão. Brindamos. À chuva, acrescenta-se um áudio com minha voz, como em um fluxo de ideias. Legenda no telão. Passamos o guarda-chuva de um para o outro à medida que as ações se desenrolam. Olhamos o público e desenvolvemos uma partitura de movimentos que se repete em ritmo e em sequência alternados. Coçamos o nariz e o rosto, apontamos o dedo com o tronco projetado para frente, olhamos diretamente para o público com as mãos pousadas sobre as pernas. O tronco se esvanece.

— Beleza, deve fazer umas duas horas que eu tô aqui rolando nessa cama... Melhor levantar e ir escrever de uma vez. Caralho. Se tem duas horas, já deve ser mais de uma hora da manhã, e amanhã eu começo a tramar cedo e vou ralar o dia inteirinho... Era fácil se eu pudesse ser paga pelo trabalho que eu mais faço, né? Levantava e ia escrever, depois dormia até a hora que eu quisesse... Mas... De qualquer maneira eu não consigo dormir, eu só vou ficar aqui pensando merda? Levanto, vou escrever, na hora que der sono eu deito. Amanhã eu me viro. Mas o que que eu sou depois de uma noite mal dormida? Nada. Nadinha. Hum. Precisava era ganhar na loteria, nunca mais que eu ia trabalhar pra ganhar dinheiro. Levantar todo dia pra ralar com o que dá tesão de verdade, deve ser outra coisa, né? Ter o tempo todo pra isso... Porque, o tempo da criação é outro, né? Bom, pelo menos pra mim. Tem gente que fala: beleza! Vou sentar aqui, tenho uma hora pra escrever e *voilà!* Uma ideia genial. Pra mim não funciona assim, não. Um milhão de coisas na cabeça... Nada de ideia, só estresse... Por isso que eu tô aqui rolando nessa porra dessa cama... Porque a vida tá como? Trabalho pra caralho... Pandemia... Brasil... Quero nem pensar... Precisando tirar férias, sair pra curtir sem ter hora pra voltar, sabe? Dançar! Até o corpo falar chega... Ô saudade de dançar um forró... Mas é forró de verdade... Saco cheio desses forró de gringo aqui... Bonito, né? Como é que a música brasileira cativa as pessoas, mas ô, puta que pariu com esses gringo que se apropriam das coisas e não procuram nem entender... *forró* a gente dança pra se divertir, caralho... é espontâneo! A gente arrocha o corpo no corpo do outro, tenta sentir a música com ele, o corpo dele, sentir como ele age, reage, cada um dançando diferente... Aqui a galera fecha o senho, conta os compassos enquanto dança, quantos giros tem que dar pra esquerda, quantos giros tem que dar pra direita... Serião, cara fechada, parece que tá resolvendo uma equação matemática. Deus me dibre.... *Mais c'est*

pas comme ça qu'on danse... O outro teve a coragem de me falar outro dia... Ah, vai tomar no cu! A gente dança forró pra se divertir, caceta! Galera conseguiu deixar o forró chato... *Posez votre bière et après on danse.* Meu querido, deixa eu te explicar, no Brasil, onde esse negócio aqui foi inventado, a gente dança bebendo e se a gente molha o outro não tem problema, não, sabe por quê? Porque na maior parte do tempo faz é calor! A gente dá risada, pede desculpa e continua dançando. Dependendo da situação e da nossa intenção a gente ainda lambe a bebida do corpo do outro e aí fica melhor ainda! Sabe o que é mais importante do que contar os compassos? É mexer a bunda! *Bouger le cul!* Rebolar! Vocês aqui dançam igual uns blocos de concreto e querem tirar onda com a gente... Eita, que eu fui longe demais... Cheio de estereótipo nesse raciocínio. É zueira, pô! Um tiquinho.... *é deuxième degré* que fala? Hahaha. Caceta, só pensamento merda e o sono num vem, caralho... Será que é outra crise de ansiedade?.. Não... tudo que eu tô pensando tem vários lados positivos... Não esquece, Bárbara, não esquece... essa França... é difícil mas também é fácil estar aqui, muita coisa massa... Mesmo o trampo, o trabalho no projeto rodeada de gente que eu admiro, no Brasil, aqui... A maioria dos professores são generosos... Pô, tá aqui na pandemia, cara... Esse mundo é tão injusto... Caralho, a criança dos vizinhos chorando... agora é que eu não durmo... ainda bem que eu não tenho criança. Já não consigo escrever sem, imagina se tivesse? Nem muda tanta coisa, né... Faz mô tempão que eu tô rolando nessa cama e não me permito levantar... Mas depois, né? Também... O dia que eu tô de boa, eu tô de boa. Se for pra cuidar de alguém eu prefiro cuidar dos meus velhos quando eles precisarem de mim. E se for pra fazer nascer alguma coisa, é melhor que seja um poema. Talvez isso seja uma boa ideia. Precisava levantar pra escrever, né? Eu vou pensar muito nessa frase e vou tentar não esquecer até amanhã. Se for pra fazer nascer alguma coisa, melhor que seja um poema. Se for pra fazer nascer alguma coisa, melhor que seja um poema. Se eu levanto ou não eu vou esquecer, certeza. Essa porra dessa casa tá um frio danado... Até botar as roupas tudo... já era. Mas isso. A imagem desse boteco em BH – *a imagem que inspirou essa cena é projetada no telão* – com as pessoas tomando cerveja na chuva, segurando os guarda-chuva – que saudade! – e a gente parindo um poema.

Escutamos a narração do terceiro gol do Galo na virada contra o Bahia na final da última copa do Brasil, enquanto reproduzimos a mesma partitura de movimentos anterior. Comemoramos o gol e eu danço o funk “ai,credo”, enquanto Jean-Christophe me olha. Faço uma coreografia e ele bate na minha bunda. Eu o beijo, feliz. Ele fica surpreso e contente. Sentamos. Eu bebo mais um gole de cachaça enquanto escuto a narração do final da partida. Jean pega seu violão. Grito Galo com o punho erguido, evocando o gesto antifascista de Reinaldo, ídolo da nação atleticana. Não há resposta. Silêncio.

II

O desencadeamento da memória

Eu olho ao redor e respiro. Jean toca seu violão, a música é suave. A luz baixa e o foco é em mim. Tomo um gole de cachaça. Respiro e olho a caixa que está no centro do palco. Me levanto e vou em direção à ela. Agacho, toco a caixa, respiro e desato o laço que a fecha. Abro sua tampa e sorrio. De dentro dela tiro um buquê de flores já secas, uma carta e algumas fotos de mulheres que me inspiram. Jean toca um samba. Feliz, me levanto e, dançando, espalho o conteúdo encontrado na caixa pelo espaço, enquanto as fotos que esparramo são projetadas no telão. Clara Nunes, Elza Soares, Beth Carvalho, Carolina Maria de Jesus, Virgínia Woolf, Lou Salomé, Adrienne Rich, Kathleen Barry, Audre Lorde, Conceição Evaristo, Silvia Federici. Jogo flores secas e pedaços de giz pelo chão, por cima das fotos e da carta que organizei em semicírculo nas extremidades do palco. O galo canta. Sinal da escola. Jean e eu nos assustamos e interrompemos nossas ações. Eu levo a caixa para o fundo do palco, Jean pousa o violão e se levanta. Nos colocamos atrás das cadeiras, nos olhamos, respiramos, as suspendemos e as colocamos em diagonal no meio do palco.

III

A igreja

Sentamos com as mãos em posição de oração e rezamos. Somos as crianças que fomos um dia.

— Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, se a ti me confiou a piedade divina, sempre me rege e guarda, governa e ilumina. Amém!

— Bárbara: Que Deus ilumine todos vocês! – *Jean bate no meu ombro e sussurra no meu ouvido.*

— Jean-Christophe: Que Deus elimine todos vocês! – *Rimos e, de pé, um de cada vez, reproduzimos repreensões comuns em espaços educativos.* – Jean-Christophe, arrête tes bavardages intempestives!

— Bárbara: Vocês estão de castigo! – *Nos olhamos, respiramos, reolocamos as cadeiras nos lugares de origem. Respiramos. Pego um giz no chão e vou em direção aos traços de giz desenhados no palco. Jean pega seu violino e, como o menino que*

já foi, tenta tocar uma melodia, enquanto eu ligo os pontos que formarão as letras que compõem a palavra memória. Ao terminar, olho para Jean, respiramos. Somos adultos e contaremos juntos a minha mais antiga memória.

Curiosa com as curvas que a memória faz
me lembro das irmãs sacramentinas de Bérnago
que na escola nos faziam ligar centenas de pontos
que formariam dezenas de letras
nos nossos cadernos cuidadosamente compostos
por suas mãos rigorosas.

Me lembro de sermos conduzidos por elas
do escuro da sala de teto alto
e de pesadas cortinas fechadas,
numa excursão para o circo.

Me lembro das cores
da tenda iluminada
da explosão de crianças
correndo prum só lado.

Giro e caio. Tento levantar e não consigo, apago parcialmente com meu corpo a palavra memória que acabara de desenhar. A música de Jean me acompanha.

Me lembro de cair
de tentar me levantar.
Me lembro do cheiro da poeira do chão
e dos pés
e do peso dos pés
nas minhas costas.

Me lembro de ver os chinelos azuis e brancos
que me pisavam.
Me lembro do som das gargalhadas
de quem se divertia com meu desespero
e depois não me lembro de mais nada.

Me levanto. Estou suja de giz e tenho flores secas nos cabelos.

Ninguém mais se lembra do episódio
que fisicamente não deve ter me marcado.
Possivelmente marcaram seus pontos
as sacramentinas,
para que o fato não fosse conhecido.

Os meus familiares dizem
quando evoco a memória deslocada
'Você deve ter sonhado'.
Como me ensinaram as irmãs

eu sigo tentando ligar os pontos.

Tento recompor
esses e outros traços,
compostos por mãos autoritárias.

Tento entender como refazer os caminhos
das memórias não aceitas
como trazer à luz
verdades não legitimadas.

IV

As paródias: realza e gênero

Escuro. Música forte e dançante. Pego a grande caixa preta e vou para o centro da cena. Jean está ao meu lado. Ele veste Véronique: saia vermelha e peruca loira. Eu me visto de Joãozinho: pinto um bigode com um lápis creon, boto um boné vermelho e uma fralda. Véronique toca entusiasmada seu violino, em diálogo com a música que já escutávamos. Joãozinho dança e coloca a caixa preta no lugar onde estava anteriormente, em frente à mesa. Ele quer beber cachaça, observa os copos que já estão em cima da mesa, mas eles estão sujos. Véronique faz seu solo de violino de maneira apaixonada, mas é interrompida pelos gritos enfurecidos do patrão. Ela o ignora e se senta. A música muda. Inconformado, Joãozinho tira de dentro da caixa preta um vidro de detergente e uma esponja e tenta lavar um dos copos ao som de uma paródia da música Assim falou zaratrusta do filme Uma odisseia no espaço, que Véronique toca numa flauta doce. Como o macaco do filme, ele observa a esponja e o detergente, ergue-os em direção à luz, despeja, tremendo, o detergente na esponja e esfrega o copo. Comemora o êxito:

- Independência ou morte! - *Vemos projetado no telão o quadro homônimo de Pedro Américo enquanto escutamos uma versão funk de O Guarani de Carlos Gomes. O quadro é superposto por sua imagem paródica, onde vemos um desenho feito no paint-brush, que representa Dom Pedro I em cima de um jumento erguendo uma panela. Joãozinho bebe sua cachaça e dança o funk. Véronique o interrompe. Ela trás em suas mãos uma pasta vermelha e uma coroa da mesma cor. No telão vemos os dizeres: PERSONAGEM FICTÍCIO – HISTÓRIA INSPIRADA EM FATOS REAIS – Um príncipe em seu reino perdido e uma das histórias que correm na boca do povo.*

— Véronique: Majestade Joãozinho, você esqueceu sua coroa.

— Joãozinho: Ah, obrigado. *Joãozinho é coroado, ele é o príncipe brasileiro. Onde você estava?*

— Véronique: Passei no banheiro, 5 minutinhos. *Ele olha para ela com desconfiança.*

— Joãozinho: Seu atraso fez com que eu tivesse que me servir sozinho. E o pior é que não encontrei copos limpos... Perceba a gravidade de sua negligência. Um príncipe... lavando copos...

— Véronique: Encontrou o caminho da cozinha?

— Joãozinho: Perdão?

— Véronique: Nada, majestade. Ah! Chegou uma carta para a vossa majestade. *Ela tira de dentro de sua pasta um envelope vermelho onde vemos um timbre dourado. Ele arranca a carta da mão da secretária, a observa e assobia.*

— Joãozinho: Timbre real! Faz tanto tempo que eu não recebia uma dessas! O que será? *Abre a carta afoito. Tenta ler mas tem dificuldade. Entrega a carta para o assistente.* Leia para mim, eu não tenho meus óculos.

— Véronique: Ah, está em francês...

— Joãozinho: *Nervoso* O que você está insinuando? Meu francês é impecável. O único problema é que eu não tenho meus óculos... Que insolente...

— Véronique: Hum... *Lê a carta.* É do principado de Mônaco. Um convite pro casamento do príncipe. Traje de gala.

— Joãozinho: Ah, que maravilha! Uma festa dessas... Toda a realeza e chefes de Estado do mundo todo, fora as celebridades!

— Véronique: Três dias de festa, tá dizendo aqui...

— Joãozinho: Preciso pensar nos trajes... Algo que denote a distinta elegância da família real brasileira!

— Véronique: Vai ser caro...

— Joãozinho: *Entre ultrajado e preocupado.* Quanto tenho na conta?

— Véronique: *Verifica na sua pasta.* Não o suficiente.

— Joãozinho: Deixa eu ver... é... *Ele anda em círculos*

— Véronique: Poderíamos vender alguns dos terrenos que vossa Majestade tem na cidade...

— Joãozinho: Quantos seriam necessários?

— Véronique: Sei lá, uns dez?

— Joãozinho: Saudades do tempo em que o Brasil era todo da minha família... Véronique, ligue pra imobiliária e pro estilista para que eles venham tirar as medidas. *Trovão.*

V

O povo

Desconstruímos os personagens. O galo canta e eu me preparo para o trabalho. Projeção de um trecho da obra Os condenados da Terra de Frantz Fanon, enquanto Jean compõe paisagem sonora sombria com sua voz e violino: “Mundo subdesenvolvido, mundo de miséria e desumano (...) Face a este mundo, as nações europeias mergulham na opulência mais ostensiva. Esta opulência europeia é literalmente escandalosa porque foi construída nas costas dos escravos, alimentou-se do sangue dos escravos, vem em linha reta do solo e do subsolo deste mundo subdesenvolvido. O bem-estar e o progresso da Europa foram construídos com o suor e os cadáveres de negros, árabes, indígenas e amarelos. Decidimos não esquecer.” Coloco um avental vermelho. Pego um giz no chão, me abaixo, desenho uma rua e escrevo seu nome. Recolho as fotos das mulheres que estavam no palco até agora. A rua do comércio, como desenhei, é projetada no telão. Silêncio.

— Bom dia! Almoço gostoso e barato num dos melhores restaurantes de Paraty. Prato executivo com peixe, carne ou frango, somente 24 reais!

— Era mais um domingo numa das esquinas do coração do centro histórico da cidade de Paraty. Ao longo da rua do comércio e nas transversais se espalhavam: trabalhadores das lojas, restaurantes e pousadas, todos correndo nas pedras para chegar aos seus trabalhos à tempo; vendedores de rua com seus carrinhos/bicicletas/caixas de isopor carregando bebidas e alimentos, e enfrentando as pedras para ganharem suas vidas; entregadores de toda sorte de produtos abasteciam as lojas todas, todos lutando contra as irregularidades das pedras em seus caminhos; artistas de rua cantando, recitando, dançando nas pedras, vendendo barato a sua arte, se e nos inspirando, por vezes, irritando; pedintes: são e bêbados plainando sobre as pedras; sentados nas pedras os artesãos: indígenas e não indígenas, de diversas nacionalidades; emperradas nas pedras as carroças chacoalhavam turistas de todas as partes do mundo. Enfim, tropeçando nessas mesmas pedras os turistas, a força geradora de todo o movimento. Eu seguia ali, em pé, nas duras pedras, pulando as poças da última chuva para entregar os panfletos da *Steak House*. *Jean começa a me acompanhar com sua música*. O céu azul, sem nuvens e o sol de inverno brilhando sobre a cabeça, sem castigar. Na linha dos olhos a mata atlântica berrando verdes no entorno, as belas ruas de pedra cheirando à bosta trazida pela maré e os casarões com tantas histórias de poder e abandono, tudo, em sua trágica beleza, quase me convencia que aquele não era um trabalho de merda. A graduação, as especializações, dois idiomas e meio pensando nas costas que doíam pelos 5 meses de 25 horas semanais de panfletista. A vida tinha a leveza cambaleante da poupança zerada e a justeza do salário que só cabia a mim e aos meus gatos, nenhuma emergência que surgisse! Na iminência de mais um voo para o velho mundo dos colonizadores para viver um grande amor, eu, colonizada, tentava na medida do quase impossível, me descolonizar. Começava mais um domingo de trabalho.

Domingo se ganha algum dinheiro. Repetindo os calendários, em todos os domingos que são todos quase sempre iguais nas agruras turísticas paratien-ses, faça chuva (que costuma ser muita) ou sol, os turistas, quase sempre todos iguais, consumiam suas folgas regradas buscando um restaurante onde comer antes de partir para as cenas dos próximos capítulos das suas vidas tão diversas, eu queria acreditar, apesar de confundir uns após os outros, os domingos e os turistas. Nós, panfletistas, exaltávamos em tempo recorde as diferenças das dezenas de opções gastronômicas a preços astronômicos e disputávamos os afaimados turistas que se confundiam e nos confundiam. Restaurantes de flambados, de massas, de frutos do mar, cozinha primitiva, cozinha contemporânea, tailandesa, japonesa, mineira, baiana, tapiocaria, creperia, cervejaria... música ao vivo, sempre. À pena e às custas dos músicos, que, como nós, disputavam os turistas famintos e quase nada ganhavam com isso.

Ruídos de rua. Os indígenas com seus artesanatos também esperavam os turistas que nos desconcertavam com suas expressões de espanto, quase sempre todas iguais. Os filhos deles vestidos com roupas de super-heróis, camisas de time de futebol ou vestidos de princesas da *Disney*, corriam pelas pedras imitando carros e entravam na loja de roupas mais cara de Paraty, atropelando os gringos. Eram repreendidos pelos pais numa língua que desconheço, pois apesar de trabalhar ali todos os dias ao lado deles, não há comunicação entre nós. Culpo minha timidez e entendo a reserva deles. E todo dia ali na esquina era um eco do 22 de abril. Um povo que se desconhece e se descobre ao mesmo tempo. *Jean explica que 22 de abril é a data do descobrimento do Brasil e eu o corrijo: Descobrimento não, invasão!*

Um casal heterossexual chama a atenção de todos. Muito vistoso, fazia bastante esforço em se mostrar. Cada um carregava uma sacola da loja onde entravam correndo os pequenos indígenas e conversava em bom som sobre suas questões. Do outro lado da mesma esquina, um músico toca violoncelo e o casal vê ali mais uma oportunidade de esfregar na cara dos passantes o seu amor, romântico. Fico surpresa pela coincidência: o homem pede uma música que escolhemos para a cena inicial do espetáculo em que trabalho com meu grupo de teatro, a duas ruas daqui. O músico toca, desafinado. O casal dança e se filma ao mesmo tempo, e ganha aplausos, como previsto. Eu, de tpm, me emociono. Era domingo, eu estava apaixonada, fazia sol e aquela esquina com aquele céu azul profundo de inverno era a coisa mais linda do mundo. Tudo isso junto daquela música que me trouxe a lembrança do trabalho bom me fez chorar, mesmo sendo a música desafinada e aquele casal exibido se mostrando e mostrando muito mais coisas do que pretendia. Sob aplausos dos transeuntes, o casal segue o seu caminho. Ficou o músico desafinado, os turistas todos quase sempre iguais, os artesãos, um cachorro ou outro que passava e eu naquela esquina. Até que chegaram os “doidos” socialmente declarados e em meio ao espetáculo gratuito, a dor e a beleza que traziam aquelas ruas que se encontravam e faziam se encontrar pessoas tão distantes, finalmente o domingo fez algum sentido.

O primeiro deles chega de bicicleta e para seu veículo no meio das pedras. Mancando de uma perna, ele observa o movimento ao seu redor. Imitando os artistas de rua, tira um fantoche barato de dentro da sacola plástica amarrada ao

guidom da bicicleta e canta um vasto repertório de canções que terminam sempre da mesma maneira, com uma mulher chorando porque o carnaval acabou. Deseja então um feliz ano de 2001, 2017, 2019, ou 2015 aos turistas quase todos iguais que aproveitam seus estreitos calendários de descanso. Pouco importa. As crianças e os adultos sorriem para ele por motivos diferentes. E meu domingo vai se colorindo.

Ela passa, com seu *black power* voando no vento a cada pulo nas pedras. Hoje ela abaixou o capuz da túnica preta e ela ergue a saia pra saltar as poças d'água, mostrando assim a sua cara e seu jeito de menina. Saltando ela termina dentro da padaria e sai de lá com um salgado comprado por um turista. No rastro dela escutamos os comentários maldosos que saem da boca dos trabalhadores da rua. Mas ela voa nas pedras, meio doida, meio bruxa, com sua túnica preta e seus mistérios. No seu olhar vazio, eu vejo a solidão de todas as mulheres. Em sua loucura, reconheço os subterfúgios que cada uma de nós cria para sobreviver.

Por último, é Maria que passa (que na estreiteza do nosso binário conceito de gênero, era vista como João), com sua cabeça raspada, seus jeans surrados, seu casaco Adidas e sua mochila dependurada de um lado. Um dia Maria quis um colar, que roubou de um dos artesãos indígenas que trabalha ali, na rua do Comércio. Vendo a Maria com o colar, o artesão a pega pelo capuz do casaco, e mesmo assim, não consegue recuperar o material furtado, que ela agilmente esconde. Maria segue tranquila, falando consigo mesma e com os artesãos ao mesmo tempo, admirando o trabalho deles. O indígena furtado fica indignado e tenta convencer seu parente a recuperar o colar. O parente não esboça reação e Maria responde que.... Maria, é do mundo, então tudo é da Maria. E segue pela rua do comércio se perguntando em voz alta: Mas eu sou menino ou menina? Transversa às normas, Maria amplia o domingo.

Mais um domingo, ou menos um? Entre as fartas possibilidades nascidas dos cacos da nossa escassez colonial que se cruzam nessas e em outras ruas do meu país, é difícil dizer quem restou são. Observo as pessoas tão iguais e tão diferentes. Meus olhos transbordam com a potência das multitudes que se atravessam nessa esquina, com a força desse céu azul, do verde da mata e desse amor que me faz de novo acreditar, apesar de tantos motivos para desconfiança. Voo pra longe, sabendo que o que me encanta nos caminhos são os desvios. *Trovão.*

VI

Nossos corpos duplamente colonizados

Projeção de um resumo de um parágrafo da obra Heterossexualidade compulsória e existência lésbica de Adrienne Rich: « A doutrinação ao amor, o terrorismo sexual e o postulado universal de que os homens têm um 'direito' de acesso sexual às mulheres são fortemente propagados e asseguram a realização da colonização feminina. » Jean se senta. De longe vejo que ele me olha. Escutamos Feira de Mangaio cantada por Clara Nunes. Procuro algo no bolso do meu avental. Encontro o batom

vermelho e passo, dançando. Tiro meu avental e abro o zíper da minha roupa, exibindo meu busto. Passo dançando na frente de Jean, que me convida para dançar. Falamos em francês e as legendas em português são projetadas no telão.

— Você vem sempre aqui?

— De vez em quando, e você?

— Nada, primeira vez. Você é brasileira?

— Sou.

— Deu pra perceber. *Ele observa meu rebolado. Dançamos, o clima esquenta. Jean Fala em português com sotaque forte:* Eu me chamo Jean-Christophe, você é linda!

— Prazer, Jean-Christophe, eu me chamo Bárbara. *Dançamos bem colados e nos beijamos intensamente.*

— Nossa, quero dançar a noite inteira com você! Eu moro pertinho daqui, vamos lá pra casa?

— Nossa, Jean... infelizmente não posso, hoje tem jogo do Galo.

— Jogo do Galo?

— É, meu time vai ser campeão do Brasil se ganhar o jogo de hoje!

— Não, espera. *Ele interrompe a música.* Você gosta de futebol?

— Gosto muito! Pelo jeito você não gosta, né?

— Não, acho meio estúpido. Acho que as pessoas poderiam usar a energia delas pra algo mais significativo, mais profundo, você me entende?

— Não, não entendo não. Eu acho que o povo sofre muito, já, e eles têm o direito de se divertir um pouquinho. Você não gosta de se divertir?

— Eu gosto, mas eu tenho bom gosto. *Olha pra mim de cima embaixo, de maneira nojenta.*

— Bom, tá na minha hora. Tenho que ir se não eu vou perder o jogo. *Jean me segura pela cintura e sussurra no meu ouvido*

— Ah, mas eu sou muito melhor do que um jogo de futebol estúpido, eu tenho certeza. Vem pra casa comigo. *Me olha nos olhos ainda com as mãos na minha cintura.*

— Eu gosto de futebol, eu cresci vendo futebol, não tem nada de estúpido com isso. Tchau! *Me pega com força.*

— Vem comigo, a gente pode se divertir muito mais na minha casa.

— Me larga! *Eu o empurro.* Estúpido é você! *Mostro o dedo do meio pra ele e saio. Respiramos.*

Ele pega o violino e toca. Eu escrevo no chão: “O Brasil nasceu do estupro”. Faço uma partitura de movimentos em que minhas mãos guiam minhas pernas, minha cabeça e calam a minha boca, transformando o batom vermelho numa mancha de sangue que cobre minha mão e minha boca. No telão, o título da canção que cantarei: Que disgrega, deixa eu falar. Jean pega seu violão. Eu respiro. Canto enquanto a letra da minha canção é projetada.

De todo o vício daqui
O que me mata mais
Gostar de gente que
Não presta

Por pesar e apesar
O que me dispersa a paz
Gastar saliva, suor
Promessa

Queria tanto estar aqui
Nem sei porque volto atrás
Eu tento, eu sofro
Eu juro
Mais essa

Pra quê tentar
Muda
Pra que brigar
Surda
Se se enganar
Curta
Tem que ficar nua
Tem que ficar

Fecho o zíper da minha roupa.

VII

A solidão

Estou só em cena. Ouvimos o samba Vou festejar da Beth Carvalho e vemos os gols da grande virada que deu o bicampeonato brasileiro ao Galo em 2021 e a reação da torcida. Sorrio, olhando o público. Tiro uma camisa do Galo da grande caixa preta e a visto. Pego o meu surdo. Toco cantando. Ao fim do vídeo ergo o punho como Reinaldo e grito Galo. Silêncio. Respiro. Largo o meu surdo. Tomo uma cachaça. Silêncio.

VIII

Carta ao meu amigo ou o abismo

Pego uma cadeira e a coloco no meio do palco, Jean me traz a carta que eu começo lendo e em seguida recito.

- Marselha, dezembro de 2021. Rato, seu filha da puta. Eu sei que uma hora dessas você tá tomando choconhaque do lado do capeta nos inferno. A sensação não deve ser muito diferente de quando a gente fazia a mesma coisa na nossa adolescência, às 3 horas da tarde na praça de Pequi, em pleno verão, tudo vestido de preto. Quente pra caralho mas dava uma onda forte. Tenho certeza que você tá no inferno, porque metaleiro quando morre vai pro inferno ouvir metal do lado do cramunhão. Brincadeira, meu amigo. Não existe inferno. E eu nem sei se eu posso mais te chamar de amigo. Eu sumi, mas eu te guardei no coração, filho da puta. Nunca apaguei nossas fotos juntos. Nossos porres nos jogos do Galo foram alguns dos momentos mais felizes da minha vida. Mas nossas escolhas se tornaram diferentes e as nossas diferenças, incontornáveis. Eu fui embora sem dizer adeus e nem foi assim tão de repente. Eu fiz uma música pra você e para outros dois homens que eu amava e que também me magoaram. Você foi me ver cantar essa música um dia e eu não sei se você percebeu que ela era também pra você. Ela diz que o que me mata mais é gostar de gente que não presta. Seja pai, amigo ou amante, um homem tem o poder e a licença de fazer mal às mulheres. Somos terra colonizada e introjetamos em nosso ser a verdade do colonizador pra sobreviver. Mas por vezes a gente consegue se libertar. Você se tornou o oposto do que era e eu odiava o caminho que você escolhia, mas sempre respeitei a escolha das pessoas. Por isso fui embora. Apesar disso eu ainda me permito pensar em você como um amigo, porque quando eu soube da sua morte eu senti uma dor que nunca tinha sentido antes. Eu tentei não chorar, mas cada uma das nossas lembranças ficaram desfilando na minha cabeça e o chão abriu sobre os meus pés. E, sabe o quê? Nós somos dois pé-frio do caralho, porque bastou eu mudar pra França e depois você morrer pro Galo ser bicampeão do campeonato brasileiro e bicampeão da copa do Brasil... Tudo isso no ano que você morreu... Pensa na minha solidão, amigo... Eu aqui sozinha, gritando Galo na madrugada.... Nada de festa, nada de foguete... Só nossas lembranças, como aquela do jogo contra o Tijuana.

Começa a transmissão, vemos imagens do jogo. Refaço a partitura de movimentos do começo do espetáculo enquanto ouvimos o Caixa narrar os acontecimentos daquele jogo que entrou para a história. Música épica. Eu me levanto.

46 minutos do segundo tempo, pênalti pro Tijuana. A torcida fica paralisada por um segundo, todo mundo chorava, desesperado. O Vítor rezava pegando nas traves. Depois de não sei quanto tempo sem ganhar um só título importante, a gente lotava o estádio a cada partida para encorajar o nosso time... Era a semifinal da Libertadores da América de 2013 e se o adversário marcasse, tudo estaria perdido. Eu vi Riascus ir pra bola... e eu não escutei mais nada, só

meu coração batendo no peito. Eu vi a bola voltando pro centro do campo em toda velocidade. O Vítor tinha defendido com a ponta do pé esquerdo enquanto caía no chão do lado contrário em que a bola entrava no gol. Eu vi Víctor de bico isolar! Eu ainda estava surda, mas eu gritava, a gente se abraçou, amigo. Todo mundo chorava abraçando todo mundo, rolando pelas arquibancada abaixo, rezando, gritando, cantando. E depois nós dois em estado de choque no metrô, sentados um do lado do outro em silêncio... A gente tinha testemunhado um milagre. *Respiro. Pego o surdo, me sento, e coloco entre as pernas. Canto a primeira parte de Desde que o samba é samba de Caetano Veloso. Guardo a pulsação do samba enquanto falo.*

- Então, amigo, você votou no Bolsonaro?... Eu prefiro acreditar que não. Porque ele te matou e matou quase 700 mil outras pessoas. Aqui, onde eu vivo agora, toda essa história de pandemia foi tão diferente... O abismo... Eu o vejo de mais perto, agora... O abismo... A violência no coração da nossa história, no nosso cotidiano... Aqui, tem gente que fala que nós somos o cartão postal deles... A violência... O abismo... Eu não pretendo ter entendido as relações de poder que existem nesse mundo, onde vivo agora, e nem do outro, de onde venho, e que vive em mim. A única coisa da qual tenho certeza é que eu perdi mais um amigo. E que as pessoas da nossa idade, neste mundo onde vivo agora, não morrem tão facilmente como morrem lá de onde eu venho... E se alguns ainda morrem por aqui, a gente sabe de qual cor eles são, e de onde vieram, sabemos qual é o endereço deles. Porque a dita universalidade que esse mundo criou só funciona quando eles criam corpos descartáveis. Tem gente que diz que o nosso sofrimento nos deixa mais forte. É mentira. O sofrimento mata ou enlouquece. Tá vendo, meu amigo, passa ano, entra ano e eu continuo aqui ruminando coisas inúteis, como você diria... E foi aí que nossos caminhos se distanciaram.

Canto a segunda parte do samba de Caetano acompanhada de Jean que retorna em cena com seu violão.

IX

Rebolar

Ouvimos um funk. Ficamos imóveis nas cadeiras olhando para o público enquanto vemos a seguinte projeção no telão:

Rebolar: bouger-le-cul. No Brasil é um verbo, cheio de significado(s). Significa mexer as ancas, dançar mexendo os quadris. Significa também improvisar, 'dar um jeito' diante de uma situação difícil. Violentados depois de 1500, a gente tem que rebolar todo dia. Pra rir um pouco mais e pra chorar um pouco menos, a gente rebola. Pra sair da prisão do sim e do não que nos impuseram. Pra curar. Pra (sobre)viver.

A música cresce e se fortalece com Jean que toca seu violino. Tiro a camisa do Galo e libero meu corpo. Vemos imagens de amigos que dançam no telão. Danço com

eles. A chuva retorna e vai ficando mais forte do que a música. Abro o guarda-chuva. Jean me olha. Convido ele pra vir comigo. Saímos. As luzes se apagam. A chuva permanece.

Fim

Submetido em: 01/08/2023
Aceito em: 24/12/2023